

TEORIAS DA APRENDIZAGEM: o que elas podem aportar para o ensino em sala de aula

Charles Cesar Couto¹

RESUMO

O presente ensaio versa sobre a ideia do processo de aprendizagem proposto por dois psicólogos: Reuven Feuerstein e Lev Vigotsky para conhecer suas ideias e, extrair orientações que possam auxiliar o professor a transmitir seus conteúdos numa sala de aula num período que se afirma pós-pandemia, e que, no entanto, tem em suas salas de aulas, alunos com comportamentos que parecem distante de um processo de aprendizagem que traga também o um desenvolvimento cognitivo.

PALAVRAS-CHAVE: educação; aprendizagem; pós-pandemia; Vigotsky; Feuerstein.

ABSTRACT

The present essay deals with the idea of the learning process proposed by two psychologists: Reuven Feuerstein and Lev Vigotsky to know their ideas and extract guidelines that can help the teacher to transmit their contents in a classroom in a period that is said to be post pandemic, and that, however, has in its classrooms, students with behaviors that seem distant from a learning process that also brings cognitive development.

KEYWORDS: education; learning; post-pandemic; Vygotsky; Feuerstein.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO. 2 TEÓRICOS DA APRENDIZAGEM. 2.1 REUVEN FEUERSTEIN. 2.2 VIGOTSKY. 3 CONCLUSÃO. REFERÊNCIAS.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente ensaio é apresentar dois teóricos da Psicologia da Aprendizagem para que estes possam aportar com suas ideias sobre o processo de aprender com o fim de aplicar em sala de aula.

Tais autores abordaram o processo de aprendizagem do ponto de vista das operações psicológicas. O critério de sua escolha foi uma busca no Google referente a alguns dos autores mais relevantes nesse universo. E, nesse caso, Vigotsky e Reuven Feuerstein abordaram que o ser humano como capazes de desenvolver a capacidade de aprender.

Desenvolver a capacidade de aprender pode ser um fator importante num

¹ Especialista em Supervisão Escolar pela Universidade Candido Mendes (UCAM), Psicopedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e Gerenciamento de Pequenas e Microempresas pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Professor de Psicologia Aplicada ao Direito. Mediador Judicial pelo TJMG. Membro do Grupo de Pesquisa em Mediação na Fadvale. e-mail: charles.cesar@fadvale.edu.br. <http://lattes.cnpq.br/5469149358784706>.

contexto onde o professor que atua numa situação pós-pandemia onde o aluno apresenta alguns comportamentos específicos em sala de aula, a saber:

- a) ele não faz perguntas ao professor;
- b) ele parece acessar em maior tempo os dispositivos eletrônicos;
- c) ele mostra um verdadeiro horror ao emitir uma opinião
- d) suas respostas apresentam uma elaboração conceitual empobrecida ao serem confrontados com uma literatura científica.

Diante desses fatos ocorridos na experiência do autor desse ensaio, buscase, ao conhecer os autores abaixo, pensar em formas de promover o aprendizado para esse aluno “pós-pandemia”.

2 TEÓRICOS DA APRENDIZAGEM

2.1 REUVEN FEUERSTEIN

Reuven Feuerstein foi um psicólogo e pedagogo que formulou uma teoria denominada de Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural através de suas experiências com crianças advindas do Holocausto mais o suporte teórico da obra de Jean Piaget e Lev Vigotsky.

Ele tinha como premissa a possibilidade de que o pensamento pode intervir na nossa conduta. Três perguntas nortearam o seu trabalho: qual é o significado do pensamento como fator decisivo na determinação do comportamento do ser humano; seu lugar, seu status e sua contribuição para realizações na sociedade; - é possível modificar o pensamento e as emoções: os dois componentes da inteligência? Como modificar o funcionamento de uma pessoa?

Essas perguntas foram alvo de sua busca e, na sua caminhada ele formulou, entre outras, a ideia da mediação. A mediação é realizada por um mediador, que é aquele que tem uma intenção ao ensinar algo a alguém com o propósito de aumentar o entendimento daquela pessoa para ir além da experiência imediata e, poder ampliar esse entendimento de forma que ele possa aplicar em outros contextos.

Em relação a primeira pergunta, vários indivíduos podem se encontrar em uma situação em que ficam aprisionados em formas restritivas de pensamentos.

Essa questão levou-o a trabalhar a ideia de inteligência como sendo algo modificável, ideia que era e é considerada como controversa. Para ele, inteligência é a habilidade de pensar de forma adaptável com ou má resposta as adaptações do meio ambiente. Como resultado, isso torna o ser humano constituído de um conjunto de habilidades que o permitem se adaptar ao ambiente através de processos de análise, planejamento, decisões e outras.

Tem-se aqui que a cognição é considerada como fator importante, devido aos motivos, a saber: 1) Enquanto a percepção é irreversível, a cognição pode ser alterada; 2) A cognição me permite pensar sobre o objeto; 3) Os processos cognitivos nos ajudam no que, onde e como focar; 4) Processos cognitivos permitem planejamento e decisão; 5) Processos cognitivos nos permitem gerar experiências; 6) os processos cognitivos podem gerar novas fontes de informações; 7) Essas experiências podem ser comunicadas através de um processo de transmissão cultural; 8) Os processos cognitivos podem afetar o nível de motivação; 9) Processos cognitivos estão relacionados com os processos da consciência e que, por sua vez afetam nossa motivação; e 10) Os processos cognitivos permitem lidar com os conflitos Esses elementos são cruciais para o exercício de uma rápida adaptação às necessidades dos tempos atuais.

Torna-se necessário decisões mais rápidas, uma adaptabilidade mais dinâmica face as exigências e desafios do ambiente e, para isso, são necessárias as “ferramentas do pensamento”, ou seja, um conjunto de habilidades de resolução de desafios, habilidades essas que podem ser estimuladas, ensinadas e aprimoradas.

Nisso vai constituir a modificabilidade estrutural cognitiva, o que inclui as emoções, sendo estas relacionadas as motivações mais profundas e que podem ser trabalhadas para atuar de acordo com padrões éticos mais elevados. Pode-se afirmar que o sujeito estrutura cognitivamente um conjunto de ideias, ativa essas mesmas ideias pelo componente emocional e as torna praticáveis pelo comportamento num processo de retroalimentação, o que permite a modificabilidade do indivíduo e, o torna responsável pelas suas ações.

Em relação à segunda pergunta, sobre a modificabilidade do pensamento e das emoções, os dois componentes da inteligência, parte-se da ideia de que o mediador deve acreditar, ter fé de que é possível a modificabilidade naquele outro ser. Essa fé constitui-se de um sistema de crenças do mediador.

O mediador precisa acreditar que seu orientando é modificável no

sentido de adquirir novas habilidades para fazer frente aos seus desafios. Essa modificabilidade se depara com as resistências, pois o processo de mudança vivida por um sujeito pode levá-lo a lidar com o desconhecido, o que é acompanhado do medo, e; o mediador se depara com o fato de que a modificabilidade de uma pessoa está sujeita a escolha dela.

No processo de modificabilidade, o indivíduo pode encontrar três barreiras, mas que podem ser vencidas. Essas barreiras são:

a) Barreira etiológica: refere-se a uma grande quantidade de causas, incluindo as orgânicas ambientais e emocionais, o que impediria o desenvolvimento. A neuroplasticidade aporta como um conceito que pode fazer frente a essa barreira.

De acordo com Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural, essa barreira pode ser vencida pela Experiência de Aprendizagem Mediada, a que vai ser realizada por aquele que está no papel do mediador.

b) Barreira da idade: diz respeito ao fato de que determinadas idades são consideradas momentos-chave para o desenvolvimento de determinada capacidade e que, a partir daí, não seria possível o desenvolvimento daquela habilidade.

Tal ideia se apoia no pressuposto de que o processamento cognitivo é produto de uma maturação biológica unicamente. Feuerstein, Klein e Tannenbaum (1991) recorrem mais uma vez ao conceito de neuroplasticidade para apoiar a ideia da modificabilidade, apesar da idade e, ao longo da vida.

c) Barreira da severidade: mesmo pessoas com severidades múltiplas, pode passar por um processo de modificabilidade. O fator diferencial para essa modificabilidade é o conjunto de crenças do mediador a tal nível que essa crença ou crenças podem ir de encontro a uma teoria vigente. Em relação a terceira questão, sobre como promover a mudança, tem como base a ideia de uma mudança estrutural. A mudança, quando ocorre numa parte, também afeta o todo, ou seja, comportamentos associados com aquele que foi objeto de modificação, o que leva a uma mudança estrutural.

A terceira pergunta tem, também, como amparo biológico a teoria da neuroplasticidade. Para responder a essa pergunta, recorre-se a Experiência de Aprendizagem Mediada, que é diferente da exposição direta a um estímulo para favorecer a aprendizagem. Enquanto na exposição direta, o

sujeito não experimenta a modificabilidade, esta aparece na Experiência de Aprendizagem Mediada, onde há um mediador, que possui o conhecimento e a experiência e, a intenção para facilitar o processo de aprendizagem do educando.

O mediador age como um filtro para o educando realizar a sua leitura do objeto de aprendizagem. O mediador prepara os educandos para uma experiência de aprendizagem mais focada, onde o mediador vai conduzir o mediado pelo processo de aprendizagem ao colocar uma intenção. O mediador sempre é aquele que estará entre um sujeito e um objeto e, destaca intencionalmente as características do objeto que são pertinentes a aprendizagem.

A experiência de aprendizagem mediada apresenta três características, a saber: i) uma intencionalidade e uma reciprocidade; ii) uma transcendência para outras situações da vida; e iii) transmite significado no que diz respeito a intencionalidade, essa é explicitada de forma clara pelo mediador com uma atuação direcionada.

A reciprocidade ocorre através do processo de internalização da experiência do mediador por parte do educando, o que o levará, ao transcender essa internalização, uma capacidade de refletir sobre um ato antes de realizá-lo.

Caso o mediador não explicita sua intenção, o educando não internalizará o aprendizado, mas apenas pode repetir algo como uma instrução. Em relação a transcendência, ela ocorre em função de uma experiência de aprendizagem estruturada por parte do educador, não de forma aleatória.

A transcendência ocorre de uma maneira mais imediata como, por exemplo, o educador explica a aplicabilidade para o educando daquele conhecimento. No que diz respeito ao significado, este é apreendido pelo educando a nível cognitivo, afetivo e moral. O significado atrelado ao aprendizado não é o significado encontrado pelo educador, mas que emerge do processo da mediação.

A questão da modificabilidade no que diz respeito ao que vai ser definido em termos de modificabilidade, ou seja, para verificar se ela ocorreu realmente, é necessário o uso do mapa cognitivo, um instrumento de tarefas e de planejamento, de avaliação e intervenção. Ele permite a análise de um ato mental, onde é

possível perceber a relação existente entre as características de uma tarefa e o rendimento do educando.

O mapa cognitivo descreve um ato mental através de sete parâmetros:

1) Estabelecimento de um conteúdo a ser focado

2) A maneira como a tarefa é apresentada e a linguagem utilizada

3) Identificação dos caminhos cognitivos para a resolução de uma tarefa através de um conjunto de operações cognitivas: identificação, comparação, análise, síntese, classificação, codificação, decodificação, relações virtuais, diferenciação, representação mental, transformação mental, raciocínio divergente, raciocínio hipotético inferencial, seriação, multiplicação lógica, raciocínio transitivo, raciocínio analógico, raciocínio lógico e raciocínio silogístico.

4) O uso das funções cognitivas em três fases de um ato mental: entrada do estímulo, elaboração ou processamento da informação e saída ou transmissão do conhecimento.

5) Verificar a quantidade de informações pertinentes a tarefa para ver o seu nível de complexidade.

6) Verificar o nível de abstração, ou seja, a distância entre o ato mental e o objeto ou fato referido.

7) Nível de eficiência necessário para o ato mental, ou seja, a rapidez ou esforço necessário para realizar uma tarefa.

A manipulação dos parâmetros desse mapa de hipóteses relativas ao processo de aprendizagem permite auxiliar aos educandos a superarem suas dificuldades (FEUERSTEIN; FEUERSTEIN; FALIK, 2014).

Aprofundando um pouco mais, pode-se definir a modificabilidade como a qualidade da interação entre organismo e o meio que está relacionada com a intenção do mediador em relação ao mediando quando apresenta um estímulo a este, resultando na modificabilidade e diversidade nas diferentes estruturas ao longo dos estágios de desenvolvimento.

A modificabilidade do ser humano é possível, devido ao seu alto grau de plasticidade e flexibilidade. A modificabilidade tem um componente evolutivo no campo da Biologia e, tem um componente deliberativo, no âmbito da Psicologia. E, a modificabilidade, no campo da Psicologia, pode atuar a nível cognitivo, intervindo em quadros cognitivos considerados disfuncionais, como é o caso da Síndrome de Down.

A modificabilidade é diretamente determinada pela qualidade do relacionamento entre o organismo e o ambiente. Já a Experiência de Aprendizagem Mediada atua a nível da diversificação das características cognitivas, afetivas e comportamentais do sujeito.

No processo da modificabilidade podem ser utilizadas várias linguagens de caráter verbal e não-verbal, pois o que é importante é que, independentemente da linguagem, estejam presentes as três condições da mediação: intencionalidade/reciprocidade, transcendência e significado.

Embora vistos anteriormente, é possível elucidar mais alguns elementos desses três componentes:

1) Intencionalidade: o mediador pode expressar através de frases como: “eu quero mostrar...”, “eu digo...”, onde ele explicita sua intenção com o mediando, resultando na reciprocidade como um ato consciente. A intenção tem a função de modificar as três partes envolvidas na mediação: o estímulo, o mediador e o mediando. O objetivo é transformado em suas características pela intenção do mediador ao promover uma determinada experiência para o mediando. O estímulo, ou o material de aprendizado, é trabalhado pelo mediador em sua forma ou formas de apresentar ao mediando, variando a frequência para que essa experiência faça parte do repertório de aprendizagem do mediando, que será a medida do resultado da intencionalidade, repercutindo a nível mental, emocional e motivacional do mediando. Esse processamento, no mediando, o levará a um novo nível de consciência, que afetará os seus processos comportamentais. A intencionalidade produz uma interação que resulta no desenvolvimento de processos mentais elevados, bem como também uma qualidade de nível emocional, e, surge nesse momento um processo metacognitivo, caracterizado pelo exercício da reflexão, conduzindo a níveis mais altos de modificabilidade.

2) Transcendência: tem-se a ideia de proporcionar ao mediando o sentimento de competência para poder transportar para outros aspectos da sua vida, o que vai exigir o desempenho das funções cognitivas num nível mais elevado, já que sai da situação momentânea. Esse momento é considerado por Feuerstein como sendo uma das mais complexas e avançadas formas de diálogo humano. A transcendência ocorre numa cultura quando ela é transmitida de geração a geração. Nesse momento, o mediador leva o

mediando para além dos objetivos imediatos, resultando num envolvimento de sua cognição e afetividade. A mediação de transcendência vai além da generalização, pois ela pode estar direcionada para a aplicação em contextos específicos que o mediando possa vislumbrar ou que o mediador possa indicar, o que exercitará o aspecto da flexibilidade. A transcendência envolverá para o mediando aplicações que possam fazer sentido para ele e, não simplesmente o exercício de opiniões desprovidas de sentido, por isso ela envolve a afeição e a cognição. A transcendência pode ser pensada como uma forma mais ampla da intencionalidade, pois permite o estabelecimento de significados relacionados ao mediando além da situação imediata.

3) Mediação de significado: nos dois parâmetros anteriores, o foco foi gerar respostas para perguntas como “quem, onde, como, por que, etc.”. No processo da significação, destaca-se o processo da exposição constante e com diferentes linguagens por parte do mediador para o mediando dos elementos a serem aprendidos, processo esse que irá culminar na assimilação dos processos culturais, na herança cultural no que diz respeito a valores, que é transmitida ao mediando. Cabe aqui a ressalva de que os significados não podem ser impostos pelo mediador. Caso haja imposição, não se tem a mediação, já que esta envolve o diálogo num formato que mais se assemelha a um diálogo socrático. Nessa etapa, o mediando, através do processo de generalização, consegue transformar em comportamentos contextualizados aquilo que foi transmitido (FEUERSTEIN; KLEIN; TANNENBAUM, 1991).

Para a modificação ser possível, o ser humano precisa ser considerado como um sistema aberto, sendo modificável pelo ambiente, ou mais precisamente, por um educador que acredite no ser humano. A modificabilidade é um conceito central na teoria de Feuerstein.

Ela atua a nível cognitivo, na sua personalidade, no desenvolvimento do seu pensamento e, no seu nível de competência. Seu conceito de modificabilidade contrapõe ao de mudança, pois enquanto a mudança aponta para uma parte, a modificabilidade atinge o ser como um todo e, não seria durável como a modificabilidade. A modificabilidade tem a peculiaridade de exigir constantes intervenções para ser bem-sucedida. A modificabilidade se depara com três obstáculos, que foram ditos anteriormente, mas vale a pena ressaltar, devido a essa proposta revolucionária como uma abordagem de desenvolvimento da

inteligência, saber: a) a idade do indivíduo; b) as causas de uma determinada severidade; e c) o grau da severidade. A modificabilidade pode agir nas pessoas independentemente da idade.

Em relação as causas da severidade, estas podem ser genéticas ou ambientais. A pessoa que também pode apresentar também muita severidade e, mesmo assim, ela seria passível de modificabilidade, pois a severidade dificulta a intervenção, mas não impede o processo da modificabilidade. A estrutura psicológica do ser humano atuam como um sistema composto por um número de elementos que afetam uns aos outros e contém componentes dinâmicos que expressam suas características.

Há a estrutura interna que diz respeito aos aspectos cognitivos, como memória, atenção e outros, mas que estão interligados. Há um segundo aspecto na estrutura que diz respeito ao fato de que ela é modificável, ou seja, as faculdades cognitivas podem passar por uma mudança qualitativa a nível do seu funcionamento.

A estrutura apresenta uma terceira característica, que é, o desenvolvimento de uma capacidade de adaptabilidade, que pode levar a autorregulação. A medida desse terceiro fator está na capacidade do indivíduo agir com precisão na nova tarefa ou na ação. E, para isso, serão necessárias repetições constantes (FEUERSTEIN; RAND; RYNDERS, 2013).

2.2 VIGOTSKY

Vigotsky, ao abordar a inteligência, afirma sobre a utilização dos símbolos desde a infância até culminar no comportamento adulto complexo, onde a atividade simbólica adquire uma função organizadora originando formas novas de comportamento. A inteligência adquire uma forma prática e abstrata com o ápice de seu funcionamento quando a fala e a atividade prática, como duas linhas de desenvolvimento diferentes, se convergem.

Essa ideia surge em função de se observar na criança o controle que ela tem tanto do comportamento quanto do ambiente através da fala. O uso da linguagem aliado ao manejo do comportamento e do ambiente vai, por sua vez, afetar funções psicológicas diversas, principalmente a percepção, as operações sensório-motoras e a atenção. No caso da percepção, ela adquire no ser humano a capacidade da categorização, ao invés de elementos isolados e, por sua vez,

passa por processos de mudanças que, culminarão na transformação das atividades intelectuais, o que permite comportamentos de escolha frente a estímulos do ambiente.

A escolha é possível, porque a fala age como um mecanismo de controle que permite focar a atenção em processos superiores, ao invés de somente responder ao ambiente. A essa capacidade de exercer a atenção, a pessoa pode acrescentar o uso de recursos simbólicos que não estejam presentes no momento da ação, recorrendo a faculdade da memória. A faculdade da memória tornou-se objeto de estudos para descrever as leis básicas que caracterizam a operação com signos ao longo do desenvolvimento infantil na obra de Vigotsky.

O estudo da memória relaciona-se com os signos, na medida em que os signos referentes ao ambiente podem estar presentes mesmo que o ambiente não esteja, o que permite ao ser humano reagir diretamente ao ambiente numa relação em que o ambiente estimula o ser humano e, este responde. Mas, como existe a operação com signos, isso necessitará de um elo entre o estímulo e a resposta.

Esse elo é o signo propriamente dito, que permite duas relações: uma ativa sobre o ambiente e, outra ativa sobre o próprio indivíduo. Isso só é possível com o concurso da memória que, vai se constituir no centro de outras faculdades. Esse processo permite um conjunto de processos psicológicos que leva o ser humano além do aspecto biológico, caracterizando-o como um ser cultural. O ser humano, nessa concepção, tem raízes biológicas e culturais.

No que diz respeito a memória em relação a outras funções psicológicas, ela pode ser utilizada em associação com atividades externas ao organismo como, por exemplo, o uso de um recurso externo para lembrar a pessoa de uma tarefa. Através de uma combinação artificial de estímulos, o ato de lembrar se torna temporalmente distante do objeto lembrado. Isso leva ao uso dos signos, que conduz o ser humano ao controle do ambiente e, a uma rememoração de sua tradição histórica. A ação do signo, a nível psicológico, é semelhante ao de um instrumento físico: ele vai operar sobre o ambiente.

O signo adquire um caráter mediador entre o sujeito e o ambiente e, o próprio comportamento.

Ele é um instrumento que, diferentemente do instrumento externo, ele não modifica o objeto da operação psicológica. Ele é um meio da atividade interna do próprio indivíduo.

O processo da capacidade de utilizar signos passa por um conjunto de transformações, sendo que, nos inícios, partiu de uma atividade externa que foi reconstruída e que, começa a ocorrer internamente.

Esse processo parte do relacionamento surgido entre a criança e o meio social e que, por sua vez, é internalizado até culminar no surgimento da atenção voluntária, memória e formação de conceitos. A utilização dos signos permite a internalização das formas culturais de comportamento, o que constitui um fenômeno exclusivamente humano, diferenciando do animal. No aspecto da aprendizagem, as ideias anteriormente esboçadas levaram Vigotsky a estudar o desenvolvimento real de uma criança em função do que pode ser medido através de tarefas que ela possa executar sozinha, mas, ele acrescenta um outro elemento: o fato da ideia de desenvolvimento ser indicado por aquilo que uma criança consegue fazer juntamente com um outro.

Quando a criança executa uma tarefa sozinha, o resultado pode ser indicador de sua idade mental, mas, quando ela executa com um outro, o resultado pode ser diferente e, apontar para o nível de desenvolvimento potencial. Essa é a essência do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal. A Zona de Desenvolvimento Proximal vai indicar as funções cognitivas que podem ser amadurecidas na criança, permitindo a elas, através da interação com seus pares e com os adultos a desenvolverem suas funções cognitivas.

Isso implica, por exemplo, que uma criança com determinado diagnóstico tem uma “radiografia” do seu momento atual, mas não se sabe qual o potencial que ela tem, o que será possível com a interação com os demais.

Nesse aspecto, aprendizagem e desenvolvimento são fenômenos paralelos, mas não são iguais, visto que, o primeiro relaciona-se a interação social e, o segundo com os processos biológicos. A aprendizagem, no caso das crianças, pode ser estimulada pelo uso dos brinquedos, já que o uso destes, implicará na utilização de um conjunto de regras, fator esse que será determinante para a sua zona de desenvolvimento proximal, pois, ao internalizar um conjunto de regras, ela exercitará suas faculdades superiores (SMITH, 2010; BARRETO NETO; AFECHE, 1998).

3 CONCLUSÃO

O que os autores acima afirmaram sobre o universo infantil, este pode ser transportado para o mundo adulto na medida em que um indivíduo adulto possa ser visto como alguém que será mediado. A mediação pode ser aqui a palavra-chave para o processo de ensino da disciplina de Psicologia Aplicada ao Direito e, quiça, de outras disciplinas.

Se assim for, em primeiro lugar virá a figura do professor, para em seguida colocar o instrumento ou método que ele utiliza. Com as ideias acima, pode-se esboçar que o professor apresentara uma aula onde: a) ele deixa claro a intenção do que pretende para o aluno; b) ele mostra a aplicação do conteúdo para além da sala de aula; e) ele poderá levar o aluno a enxergar um significado naquilo que está sendo aprendido

Os itens descritos acima constituem o núcleo do processo de mediação que tem como propósito “mexer” com as estruturas internas do aluno, o que pode leva-lo a um nível cognitivo mais complexo, daí a zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Como professor, será necessário não apenas dar a matéria, mas saber que níveis cognitivos o aluno pode atingir através dos desafios colocados para ele. E se o aluno não conseguir? Então o professor terá que estruturar o seu processo de aprendizagem em etapas e ir mediando para melhor conhecer o seu aluno...

REFERÊNCIAS

BARRETO NETO, C.; L. S. M.; AFECHE, S. C. A formação social da mente Vygotski, Is 153.65-v631 psicologia e pedagogia o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. **Psicologia**, v. 153, p. 631, 1998.

FEUERSTEIN, R.; FEUERSTEIN, R. S.; FALIK, L. H. **Além da inteligência: aprendizagem mediada e a capacidade de mudança do cérebro.** Tradução de Aline Kaehler. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FEUERSTEIN, R.; KLEIN, P. S.; TANNENBAUM, A. J. **Mediated Learning Experience (MLE): Theoretical, Psychosocial and Learning Implications.** [S.l.]: Freund Publishing House, 1991.

FEUERSTEIN, R.; RAND, Y.; RYNDERS, J. E. **Don't accept me as I am: helping "retarded" people to excel.** [S.l.]: Springer, 2013.

SMITH, L. M. **Frederic Skinner**. [S.l.]: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.